

Mesmo com azagaias

Camponeses perseguem bandidos em Inhambane

• Entrevista com dois feridos e as acções dos criminosos a soldo dos racistas sul-africanos

por A. Faife (texto) e Azarias Inguane (fotos)

«Como já há muito que os bandidos armados nos fazem sofrer e causam muitas desgraças no seio da população, quando vimos três deles a passarem na nossa aldeia organizámo-nos e fomos em sua perseguição para os liquidar» — estas palavras são de um camponês, da Província de Inhambane, um dos feridos entrevistados pela nossa Reportagem no leito do hospital, onde se encontra em tratamento depois de ter perdido um braço, num encarniçado combate travado com um grupo de bandidos, que juntamente com os seus vizinhos perseguiu e aniquilou. Foram dois os nossos entrevistados no Hospital Provincial de Inhambane e o estado em que se encontram mostra a natureza bárbara e desumana daqueles criminosos, financiados e dirigidos pelo regime racista da África do Sul.

Zefanias Uaque, de 46 anos de idade, natural de Vilanculos e residente em Mamelane, foi mutilado por um grupo de bandidos, tendo ficado com um dos braços decepado e o outro seriamente mutilado além de outros ferimentos.

«Em 14 de Agosto de 1983, vi três bandidos armados a passarem na minha casa. Estavam desolados e traziam duas mulheres. Eu, com o meu irmão mais velho ficámos admirados por serem só três. Como já há muito que na nossa zona nos fazem sofrer e criam muitas desgraças, eu e meu irmão pegámos em azagaias e catanas e fomos chamar mais dois vizinhos para os perseguirmos» — conta-nos Zefanias Uaque.

O grupo de quatro perseguidores marchou durante várias horas até que ao entardecer distinguiram os três bandidos acotados por um denso mato, a prepararem gatinhas para o disparar.

«Os dois vizinhos esconderam-se e eu e meu irmão avançámos directos ao local onde os criminosos se encontravam. Quando nos viram ficaram alarmados, mas nós dissemos que andávamos a cortar seixos para construir casas e ao perguntarem-nos quantos éramos, respondemos que éramos muitos e outros estavam espalhados pela zona. Levantaram-se imediatamente apagarão o fogo e estavam já a pegar nas armas quando saltamos sobre eles. Eu consegui matar o chefe deles, mas enquanto os que estavam emboscados não chegassem, os dois outros bandidos mataram o meu irmão e um deles conseguiu fugir, depois de me atingir com a arma nos dois braços e na anca. Os vizinhos emboscados alcançaram o segundo bandido e liquidaram-no».

Passados poucos dias segundo relata Zefanias Uaque, o bandido que escapara regressaria de noite à aldeia, onde assassinou cinco pessoas, incendiando habitações, depois de saquear bens da população. Informada a força local da PAM (FPLM) saiu em sua perseguição, conseguindo trazer todos os produtos e bens roubados à população, depois de abater seis bandidos armados.

NAO DEVE HAVER CONTEMPLAÇÃO PARA COM OS BANDIDOS ARMADOS

O segundo entrevistado, Augusto Dias Tique, de 34 anos de idade, caiu numa cilada traçadamente montada pelos bandidos armados, quando viajava de Maputo para

Inhambane, numa viatura de carga, a 18 de Abril deste ano, tendo sofrido graves queimaduras por todo o corpo.

«Foi na zona do Chongola, próximo de Inharrim. A viatura em que eu viajava seguia a frente de quatro outras. Eu fiquei assustado, porque como a minha viatura trazia combustível quando foi atingida pelo inimigo começou a arder e todo o meu corpo foi envolvido pelas chamas. O motorista da viatura perdeu a vida mesmo no local e aqui no hospital estiveram comigo mais quatro pessoas, uma das quais veio a falecer» — explica Augusto Dias Tique.

Na sequência do ataque dos bandidos, uma força do nosso Exército

acorreu imediatamente e conseguiu desbaratar os bandidos emboscados que fugiram em debandada, deixando estendidos no terreno cinco corpos e respectivas armas.

«A crueldade assassina dos bandidos armados é de tal ordem que mesmo com o meu corpo todo em chamas eles propuseram atingir-me quando eu corria à procura de refúgio. Felizmente não me acertaram. Por isso, para mim os bandidos armados não passam de criminosos sem qualquer objectivo válido que não mereçam quaisquer contemplações» — disse-nos com visível ódio, Augusto Dias Tique.



«Como há muito tempo que os bandidos armados nos fazem sofrer na minha zona, quando vimos três deles a passarem, eu e meu irmão pegámos em azagaias e catanas e perseguimo-los para os liquidar» — Zefanias Uaque, entrevistado no leito hospitalar



Augusto Dias Tique, também entrevistado no hospital, onde recebe tratamento a graves ferimentos, depois de cair numa traçoira cilada dos bandidos armados em Inhambane.